

Uma nova psiquiatria

RAUL RAMOS
Da Editoria de Cidade

Uma nova proposta em assistência à saúde mental, em que psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, terapeutas e sobretudo a própria comunidade trabalharão em conjunto não somente para tratar o doente mental, mas também ajudá-lo a reintegrar-se à vida familiar e à comunidade. Em linhas gerais, é esse o projeto que a Fundação Hospitalar pretende desenvolver na Granja do Riacho Fundo, com o apoio da UnB e do Instituto de Tecnologia Alternativa.

Não se trata, porém, de transformar a granja em mais um hospital psiquiátrico nos moldes conhecidos que, à primeira vista, mais parecem asilos, ou

depósitos para pessoas rejeitadas. Instituições onde os pacientes estão sujeitos à aplicação de choques elétricos ou ao uso abusivo de psicotrópicos, além de submetidos a rígido controle, como horários preestabelecidos para levantar, comer, tomar sol e dormir. Tratamento que cria uma total dependência do paciente para com o corpo clínico, sem que o doente tenha qualquer autonomia, e que inspira filmes como "O Estranho no Ninho", que deu o Oscar de melhor ator a Jack Nicholson.

Atualmente, há um consenso, mesmo entre os profissionais da área da saúde mental, de que esses estabelecimentos hospitalares onde as portas estão sempre trancadas, com os pacientes constantemente vigiados e

quando agressivos submetidos a doses excessivas de psicotrópicos — não estão curando ninguém, exceto aqueles que já se curariam fora deles.

A experiência pioneira que se pretende desenvolver na Granja do Riacho Fundo foge a tudo isso. Segundo o secretário de Saúde, Laércio Valença, o novo tratamento que deverá ser implementado passará por um envolvimento profundo do psiquiatra com o paciente e não mais restrito a consultas com duração de 15 minutos, como se a doença mental fosse uma simples dor de cabeça.

O projeto prevê que a granja será um Hospital-Dia, isto é, a família leva o paciente para o hospital onde ele passará o dia desenvolvendo atividades especiais de reabilitação que permi-

tam a sua reintegração à vida social, a conseguir amigos, desenvolver atividades e obter empregos. À noite, o paciente volta para casa, sem perder, dessa maneira, os vínculos afetivos com sua família, o que hoje se sabe é extremamente importante para o tratamento da saúde mental.

Já nos casos mais crônicos, quando o doente mental tiver uma crise séria, ele ficaria internado no hospital, mas ainda assim em contato com a natureza, trabalhando em hortas ou oficinas de artesanato que, segundo Laércio Valença, permitiriam o desenvolvimento dos estímulos naturais do paciente, como as atividades mentais e as habilidades manuais, além de permanecer em contato direto com os seus semelhantes.

Transformação nada vai custar

A idéia de transformar a Granja do Riacho Fundo em hospital psiquiátrico é do médico e técnico do Instituto de Tecnologia Alternativa Inácio Republicano de Oliveira. Ele fez um relatório sobre a granja, assim como elaborou uma proposta de transformá-la em hospital psiquiátrico. O projeto foi encaminhado ao secretário Laércio Valença que, entusiasmado com a idéia, o enviou ao governador José Aparecido que, por sua vez, solicitou apoio à Presidência da República para a concretização do projeto.

A idéia surgiu quase por acaso. Designado pelo governador José Aparecido para estudar qual seria o local ideal para sediar o Instituto de Tecnologia Alternativa, Inácio acabou se deparando com a granja — que servira de residência oficial entre outros ao ex-presidente Ernesto Geisel — sem qualquer aproveitamento. Imediatamente o médico pensou na possibilidade de transformá-la em hospital psiquiátrico.

Na proposta enviada à Fundação Hospitalar, o médico frisa que a transformação da Granja em hospital não acarre-

taria nenhum custo, pois as instalações são suficientes para atender aos objetivos do hospital psiquiátrico num curto espaço de tempo. A granja é propriedade da Terracap e estava cedida à Presidência da República.

No relatório Inácio destaca que a granja está localizada num ponto de convergência de maior densidade demográfica do Distrito Federal, entre o Plano Piloto, Núcleo Bandeirante, Gama, Taguatinga e Ceilândia. Está no meio de um bosque tranqüilo, de fácil acesso e com sistema de segurança, cercada por dois alambrados iluminados na periferia, além de uma central telefônica instalada e em perfeito estado.

Na casa residencial — em estilo colonial, com área construída de 600 metros quadrados, dispondo de sete suítes — seriam instalados os consultórios de avaliação e orientação. Nas varandas ligadas às suítes por portas externas, os pacientes e acompanhantes poderiam ficar à espera das consultas.

Dispõe também de quatro grandes salas, uma biblioteca, uma sala de cinema dotada de

projetores onde poderiam ser projetados filmes educativos. A administração do hospital poderia ficar instalada na sala de visitas e jantar. Os fundos da residência, com vários aposentos, seriam destinados aos serviços gerais.

O projeto prevê também o uso da churrascaria de 100 metros quadrados como oficina de artesanato e ainda o estábulo como oficina profissionalizante. Os próprios doentes poderiam trabalhar na horta, plantando ervas medicinais e gêneros alimentícios, e o pequeno lago poderia ser usado para a piscicultura e criação de animais de pequeno porte. Já a piscina e o campo de esportes seriam utilizadas para atividades fisioterapêuticas.

Ainda há a casa de hóspedes que poderia ser utilizada para eventuais internações de curta duração ou para alojar parentes ou acompanhantes dos pacientes. Já o antigo alojamento do corpo da guarda pode ser adaptado para uma enfermaria de descanso entre as atividades diárias com um confortável restaurante para até 200 pessoas.

Pacientes vão plantar erva

Em trabalho conjunto com o Instituto de Tecnologia Alternativa, UnB e Embrapa, a Fundação Hospitalar planeja também realizar pesquisas na área da farmacoterapia, em especial com plantas medicinais, com vistas à substituição gradual dos psicotrópicos por essas ervas de comprovado valor.

Sabe-se que a terapêutica psiquiátrica, nas últimas décadas, tem sido governada pelas multinacionais farmacêuticas, que fazem dos psicotrópicos uma das mais seguras e rendosas atividades industriais. Foi com base nessa realidade que o médico Inácio de Oliveira, que também dirige a Farmácia Verde em Brasília, pensou na possibilidade de substituir os psicotrópicos por plantas que atuam sobre o sistema nervoso central, sem efeitos colaterais, como tranqüilizantes.

A idéia é a de que os próprios pacientes cultivem em hortas essas ervas medicinais, além de plantas tônicas que fortaleceriam o indivíduo como um todo. Os pacientes aprenderiam a preparar os medicamentos e tônicofícos.

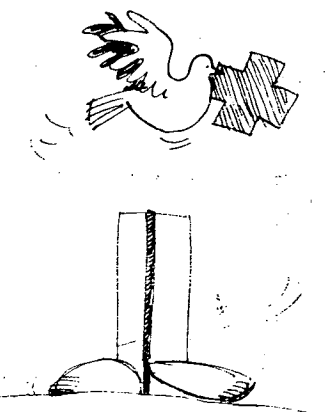
Inácio de Oliveira conhece como ninguém a riqueza da flora brasileira, tão elogiada por naturalistas do mundo inteiro mas pouco aproveitada em todo o seu potencial. Segundo o médico, aqui mesmo na região de cerrados há uma infinidade de plantas medicinais de inestimável valor. No que tange ao tratamento psiquiátrico, ele cita como apropriadas para substituir os psicotrópicos: mulungu, semente de alface, maracujá, angelico, douradinha do campo, cardo santo e uma série de plantas apropriadas para a desintoxicação natural do doente.

Enclausuramento pode ser abolido

O projeto de Inácio de Oliveira recebeu numerosas manifestações de apoio. Telegramas de entidades particulares de assistência social, grupos profissionais e associações chegam quase que diariamente ao Palácio do Buriti dando incentivo ao governador José Aparecido que, tão logo tomou conhecimento do projeto, enviou ofício à Presidência da República solicitando apoio para a concretização do projeto.

Para o médico André Santiago Rangel Lima, do Hospital de Pronto Atendimento Psiquiátrico, em Taguatinga — que é a única unidade hospitalar da rede oficial exclusivamente voltada para o atendimento de doenças mentais —, esta será uma iniciativa inédita a nível público e com profundas repercussões sociais, pois concederá à população do Distrito Federal a oportunidade de rever seus conceitos e preconceitos frente à doença mental.

Santiago sabe como ninguém que em Brasília, como em todo o Brasil, o atendimento psiquiátrico enfrenta os mesmos problemas, do sistema médico hospitalar como um todo. As boas intenções chocam-se com a inexistência de uma política de saúde objetiva, que possibilite a prevenção da doença mental.



André Lima

O HPAP, por exemplo, dispõe de apenas 100 leitos enquanto a Organização das Nações Unidas estabelece 0,5 por cento leitos por 1 mil habitantes, ou seja, contando com uma população de 1 milhão e 600 mil habitantes o Distrito Federal deveria ter no mínimo 800 leitos reservados para doentes mentais.

Essa falta de leitos faz com que aquela unidade hospitalar mantenha convênios com duas clínicas locais (São Miguel e Planalto), para onde vão os doentes que são previdenciários; os sem nenhum auxílio previdenciário vão para o Sanitário Espirita de Anápolis

(GO), com o qual o HPAP também mantém convênio, onde as condições são precárias e os doentes alojados em pequenos cubículos.

Segundo André Santiago, os problemas decorrentes do alcoolismo são responsáveis pelo maior número de internações (cerca de 30 por cento). Em seguida vêm os psicóticos, neuróticos e deficientes mentais.

O diretor afirma que o tratamento fundamental é o analítico, através da terapia de grupo, pelo qual se tenta reconstruir a personalidade do indivíduo. Acrescentou que já foram feitos diversos esforços no sentido de criar oficinas terapêuticas, horticulturas e floriculturas, que possibilitassem a ampliação do tratamento através da terapia ocupacional, mas o espaço físico e as condições ambientais do HPAP não contribuíram para que isso se efetivasse.

O médico acredita que a Granja do Riacho Fundo dispõe de todos os recursos necessários para que fosse desenvolvido um trabalho de terapia ressocializante, no qual seria abolida a enclausuramento do paciente, o qual, a seu ver, é o fator que impede decisivamente o regresso do indivíduo na sociedade.